

SUMÁRIO

Nota do EditorIX

CAPÍTULOS

1. De Rishikesh a Tehri I
 - Rishikesh, o Portão Sagrado I
 - O trecho para Mussouri4
 - Voto de não levar dinheiro6
 - A majestade do Himalaya7
 - A bondade dos pobres9
 - Tehri..... IO
2. Jamunotri 12
 - Piolhos e aldeões não hospitaleiros 13
 - Mosca venenosa 16
 - Montanha de ouro 17
 - Shiva e Párvati vivos 18
 - Jamunotri.....20
3. Gangotri 21
 - Uttarkasi21
 - O renunciante desamparado 22
 - Nenhum espaço para o doente 24
 - Ele é um Paramahansa..... 25
 - O monge mesquinho..... 26
 - O destino do corpo 26



SUMÁRIO

Transe em Gangotri	27
Gomukhi	29
O brâmane na caverna.....	30
Deuses em hibernação	31
O grilhão <i>sattvic</i>	32
4. Chandravadana	34
O desvio.....	34
Diarréia em Uttarkasi.....	35
O anjo da guarda.....	35
A loucura encobrindo uma rara compaixão ..	36
Bondade incógnita	38
Sábio disfarçado	39
O monte de Sati.....	41
Altar de Chandravadana	42
A beleza e o silêncio.....	43
O culto celestial.....	44
Eu voltarei.....	46
Descendo a perigosa encosta.....	46
A Mãe orienta	49
5. Srinagar e Rudraprayag.....	50
Em Srinagar	50
Guardiões avarentos	52
O chamado de Kedar-Badri.....	54
Amigos da estrada.....	55
Rudraprayag.....	57
Na confluência	58
6. Gupatakasi e Ukhi Math.....	59
Agastya Muni.....	59
Hospitalidade de um monge de tanga	60
Em Gupta Kasi.....	61



SUMÁRIO

Companhia agradável.....	62
A espinha dorsal da cultura indiana	63
Para Ukhi Math	64
A beleza cênica de Ukhi Math	65
O Maharaj de Phatachatti	65
Locais não frequentados perto de Kedar	67
Adityaram Babu	68
O abade de Ukhi Math	69
A sedução do ouro.....	70
O portal da Capital do Universo	71
Renunciantes e chefes de família.....	73
“Tramando” para conseguir um cobertor.....	75
Retorno a Gupta Kasi.....	76
7. Indo para Gaurikund.....	78
Com um monge <i>udasi</i>	78
Phata Chatti.....	79
Triyugi Narayana	80
O perene sacrifício védico	80
Himalaya, o Que Desperta.....	81
Na sagrada confluência.....	82
A descida das filhas.....	83
O objetivo da existência do Jamuna	85
8. Reflexões sobre a glória de Prayag	89
Uma divagação.....	89
Prayag, o lugar mais sagrado.....	89
Os luminares de Prayag.....	91
O tributo chinês.....	92
A sementeira de Vedanta	94
A eternidade da cultura indiana.....	95
Livrando-se do vínculo mortal.....	96

SUMÁRIO

O Ganges-Brahman em movimento	96
<i>Pravriti e Nivriti</i>	97
9. Gaurikund.....	99
Na confluência sagrada	99
O último povoado	100
Gauri encanta Shiva	101
10. Kedarnath	104
A ascensão a Kedarnath	104
As árvores cuidadas pela Mãe	105
Ramwada Chatti.....	105
O paradoxo	107
O propício mês de julho	109
Difícil de esboçar	110
Aos pés de Kedarnath	111
A majestosa glória	113
O nobre Shiva e o Viswarupa.....	114
Glossário	116
Ordem Ramakrishna	121
<hr/>	
Catálogo de livros.....	125
Catálogo de CDs.....	129

NOTA DO EDITOR

Tomaz Lima

Swami Akhandananda nasceu em 30 de setembro de 1864, em Calcutá. Seu pai era um sacerdote brâmane e professor de sânscrito que praticava yoga e tantra. Também chamado coloquialmente de Gangadhar Maharaj e Baba, Swami Akhandananda foi um dos discípulos diretos do grande mestre Sri Ramakrishna, de quem recebeu o hábito ocre, símbolo da renúncia ao mundo.

Após a morte de Sri Ramakrishna, de 1887 até o retorno de Swami Vivekananda do Ocidente, em 1897, Swami Akhandananda foi a pé, descalço e sem dinheiro, a lugares inacessíveis e muito perigosos, visitando os importantes centros de peregrinação no Himalaya.

Bem mais tarde, tornou-se o terceiro presidente da Ordem Ramakrishna. Foi ele que iniciou, com o apoio e a orientação de Swami Vivekananda, seu *gurubhai* [irmão em discipulado], o trabalho humanitário de ajuda aos necessitados, que se transformou mais tarde na grande obra caritativa da Ordem Ramakrishna, a *Ramakrishna Mission*.

Swami Akhandananda redigia muito bem e, em fase posterior da sua vida, ante os insistentes pedidos de admiradores e discípulos, escreveu as lembranças de suas viagens, que foram

publicadas em capítulos nas revistas *Basumati* e *Udbodhan*, em bengali.

Contendo relatos informativos e eletrizantes sobre homens, países e acontecimentos, além das reflexões filosóficas de um amante de Deus, do ser humano e da natureza, este livro oferece as experiências e reflexões do seu autor sobre o Himalaya e os grandes centros de peregrinação da sagrada cordilheira.

Mesmo tendo viajado pelo mundo inteiro, quando Lucia leu para mim os originais de “No coração do Himalaya”, senti-me transportado, como num passe de mágica, para uma época distante e me vi caminhando por lugares nunca sonhados, ao lado do Swami Akhandananda, um verdadeiro homem de Deus. Este livro é como *kalpataru*, a árvore que satisfaz os desejos. Há um poder tangível nas palavras de Swami Akhandananda e a impressão que temos é que, por alguma bênção misteriosa, acompanhamos o Swami realmente nas suas peregrinações.

Maria Helena, minha sogra, que passava uns dias conosco em Teresópolis, teve a mesma sensação que a minha. Achou o relato fascinante. “Fiquei encantada”, ela disse. “Para mim foi um passeio maravilhoso. Nunca poderia imaginar que, octogenária, faria uma viagem dessas pelo Himalaya. Não sabia que no meio da neve tivesse tanta flor perfumada, que visitaria as vertentes dos grandes rios e os templos perdidos na cordilheira. A descrição foi tão perfeita que senti as mesmas emoções que o *swami* descreveu tão bem, seu amor ao próximo e sua compaixão pelos mais necessitados. Este livro é uma preciosidade.”

Não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para que este livro fosse publicado, entre as quais não posso deixar de mencionar o Reve-

rendo Swami Nirmalatmananda, diretor espiritual da Ordem Ramakrishna no Brasil, e o Swami Sunirmalananda, que engrandecem o nosso país com as suas presenças.

Mais de cento e vinte anos se passaram desde que Swami Akhandananda visitou o Himalaya. De lá para cá, as coisas mudaram muito. Provavelmente a própria topografia local passou por várias modificações. É bem possível que isso seja uma atração a mais para os leitores de agora, já que as descrições do livro lhes darão uma idéia do prístino encanto da região antes que a beleza da sua natureza fosse maculada pela interferência humana ao longo do tempo.

Muitos locais então inacessíveis são agora alcançados por carros ou aviões. Espera-se contudo que o livro ainda transmita inspiração a todos os que anseiam por algo sagrado neste mundo superficial e rotineiro.



SWAMI AKHANDANANDA

30 de setembro de 1864 — 7 de fevereiro de 1937



I DE RISHIKESH A THERI

RISHIKESH, O PORTÃO SAGRADO

EXCETO TÊNUES lembranças, não tenho agora qualquer ajuda para escrever este relato. Preciso lembrar acontecimentos que recuam e organizá-los de forma coerente. Como não tinha idéia de escrever um dia sobre as minhas peregrinações maravilhosas no Himalaya, nada anotei. Na verdade, o meu objetivo era tentar esquecer tudo o que vira. Somente a persuasão de muitos amigos fez-me iniciar o presente texto, e eu me sentiria gratificado se esta narrativa despertasse em alguém o desejo de visitar os lugares sagrados do Himalaya, ou aumentasse suas informações sobre aquelas terras distantes.

Foi talvez no sétimo ou oitavo mês depois do *mahasamadhi*¹ do Mestre² — no ano comemorativo do jubileu de ouro da ascensão ao trono da Rainha Vitória, provavelmente no final de fevereiro de 1887 —, que iniciei uma peregrinação partindo do monastério de Baranagar³ para o norte da Índia. No caminho visitei Gaya, Benares, Ayodhya e Naimisharanya, chegando a

1. *Mahasamadhi*: a morte de um grande iogue.

2. Sri Ramakrishna.

3. Monastério: *Math*. Foi o primeiro centro da Ordem Ramakrishna



Haridwar. Além desses lugares, parei apenas em Lucknow e Sitapur.

Levei cerca de dois ou três meses caminhando para alcançar Haridwar. Lembro que cheguei antes do *sankranti*⁴, o último dia do primeiro mês do calendário bengali. De lá continuei para Rishikesh, que atingi em três ou quatro dias. Realizava um desejo antigo e senti uma grande sensação de paz. Não há lugar mais agradável e sagrado no Himalaya do que Rishikesh. É a entrada para a peregrinação a Badarikashram⁵. Nos meses de outubro e novembro há nessa região uma multidão colorida de monges e ascetas de várias denominações. E todos os anos muitas pessoas ricas vão para lá no mês de janeiro⁶, para alimentar os monges e servi-los.

Em determinados campos nos arredores de Tapovana, perto de Rishikesh, cultiva-se uma espécie de arroz conhecido como basmati. Muito fino, o grão desse arroz cresce bastante quando cozido, tornando-se então branco como a neve e exalando um perfume que dura o dia inteiro. Os habitantes da aldeia acreditam que esse arroz cresce apenas em certos campos por causa de uma graça concedida por um antigo sábio. O basmati é extremamente apreciado naquela parte do Himalaya, sendo vendido por quatro *seers*⁷ por rúpia. Não sei se os preços mudaram no decorrer de tantos anos. Seja como for, não há outro arroz que supere o basmati em aroma.

4. O *Sankranti* é considerado um dos dias mais auspiciosos para os hindus. O primeiro mês do calendário hindu, *vaishakha* em sânscrito e *baishakh* em bengali, começa por volta do dia 14 ou 15 de abril. *Poila Baishakh* é o primeiro dia do ano.

5. Um dos quatro lugares sagrados que muitos seguidores dos Vedas desejam visitar: Gangotri, Yamunotri, Kedar e Badari ou Badri.

6. *Magha*.

7. No subcontinente indiano, unidade de peso de cerca de um quilo.

Como o templo Bharata é o principal santuário de Rishikesh, o Rajá de Tehri fez uma doação em favor dessa aldeia para o culto diário no templo. Soube pelo abade de Bharata que, em contrapartida, eles são obrigados a enviar todos os anos uma determinada quantidade do arroz basmati para os rajás e marajás do Punjab. Da região se avista os picos eternamente cobertos de neve do Himalaya. O sagrado Ganges corre sobre enormes rochas e as florestas em torno ressoam com as águas rápidas do rio. Dali, o Ganges volta-se para a planície a fim de abençoar o povo dessa terra grandiosa.

A sagrada atmosfera do Uttaranchal magnetizou cada partícula do meu corpo e encheu meu coração de inexprimível alegria. Pensei comigo mesmo: “Que sublime felicidade estará me esperando no coração dessa terra sagrada?” Para o aspirante espiritual, Rishikesh é quase o céu. Mesmo os sábios ficam comovidos ante a descrição da grandeza do lugar. Ali, fiquei na cabana de um mendicante e fiz uma boa amizade com alguns monges do Punjab. Eles tinham a mente aberta e um grande coração, o que tornou minha estada em Rishikesh muito confortável e agradável. Meditação, debates sobre o *Self*⁸ e leitura dos *Upanishads* eram nossas únicas preocupações naqueles dias. Não podíamos pensar em proferir qualquer palavra mundana numa terra tão sagrada.

Minha permanência em Rishikesh é ao mesmo tempo indescritível e inesquecível. Decidi ir a Badri e a Kedar via Dehradun, Mussouri, Jamunotri e Gangotri. Um monge do Punjab, que gastava prodigamente, insistiu para que eu o acompanhasse a Badrinath. Disse-me ser muito difícil viajar naquelas regiões

8. *Atman*



solitárias e montanhosas sem dinheiro suficiente. Como eu não tinha recursos, tentou dissuadir-me de empreender tal jornada. Trazia consigo grande quantidade de dinheiro e um discípulo – um *naga*⁹. Ele oferecera muitos banquetes para mais de mil monges em certas ocasiões, dos meses de janeiro e fevereiro¹⁰ em diante. Mas não conseguiu me fisgar e fui a pé de Rishikesh para Dehradun.

O TRECHO PARA MUSSOURI

Durante minhas visitas aos lugares sagrados do Himalaya, muitas vezes maravilhei-me ante a beleza, a grandeza e a serenidade de alguns deles. Uma mera lembrança desses dias revolve cada fibra do meu ser e uma corrente de pensamentos serenos e sagrados irrompe dentro de mim. A recordação da minha visita a Badarikashram é uma delas.

Ultimamente, um grande número de bengalis passou a visitar Badarikashram todos os anos. Era, porém, muito diferente naqueles dias: havia poucos peregrinos vindos da Bengala, sendo a maioria do Punjab. Os renunciantes¹¹ bengalis instruídos e outros jovens turistas escreveram muito sobre suas peregrinações em revistas, chamando a atenção das pessoas sobre os principais locais de peregrinação no Himalaya.

Na realidade, porém, obtemos diferentes visões do Uttaranchal por parte de monges e peregrinos que visitaram esses lugares em épocas diferentes. Os mesmos locais podem estar um tanto mudados, sendo relatados de maneira diferente após certo tempo. É verdade também que um lugar pode ser descrito

9. Os *nagas* são monges que protegem outros monges, os *dasanamis*, membros da ordem monástica estabelecida por Shankara, que compreende dez denominações.

10. *Magha*.

11. *Sannyasins*, monges.



de diversas maneiras, dependendo da idade, atitude e situação de vida do narrador. Em virtude disso, estamos sempre ansiosos para escutar coisas diferentes sobre o Uttaranchal. Os que foram a Badarikashram anos atrás, via Manbhang e Chitbhang, descreveriam sua jornada de modo diferente dos que a visitaram recentemente.

Sem ter de puxar muito pela imaginação, os peregrinos de hoje podem imaginar as dificuldades que os peregrinos de outrora tiveram de superar, as sendas íngremes e escorregadias que percorreram. Os próprios nomes Manbhang e Chitbhang são significativos. Por que ir tão longe? Mesmo os que lá chegaram por algum atalho montanhoso, antes que Haridwar tivesse conexão ferroviária, não usufruíram da mesma magnificência e beleza cênica. Não se encontram mais as pontes de corda no caminho de Gangotri e Badri-Kedar. Há boas estradas e pontes confiáveis por toda parte, fazendo com que a peregrinação a Badri-Kedar não seja muito difícil atualmente. Em consequência disso, pessoas de todas as idades visitam esses lugares santos a cada ano, o que afetou a sagrada atmosfera local. Anteriormente, não se ouvia falar de ladrões entre o povo das montanhas do Uttaranchal. Agora, só continuam seguros os locais remotos dessa área onde os habitantes não entram em contato com os peregrinos, já que o comportamento e as maneiras dos montanheses se modificam no intercâmbio com os indivíduos urbanos da planície. Ouvi dizer que os povos da montanha perderam muito da sua inocência e bondade.

Os peregrinos que chegam a Badarikashram pela estrada pavimentada e voltam depois de prestar homenagem à deidade, praticamente ignoram a beleza e a grandiosidade do Himalaya.

Não fazem idéia da serenidade e quietude da atmosfera feliz daquela região divina. Os que pensam em ficar alguns dias no local e tentam descobrir a transcendência de seus lugares mais recônditos, ainda podem vislumbrá-la.

VOTO DE NÃO LEVAR DINHEIRO

Quando estava a caminho de Dehradun, vindo de Rishikesh, um monge aconselhou-me a comprar um par de sapatos antes de entrar no Uttaranchal. Levei dois dias para chegar a Dehradun. No caminho, comprei os sapatos numa aldeia. Descansei mais dois dias em Dehradun e segui para Rajpur, a uns vinte quilômetros de Dehradun, situada no sopé dos montes Mussouri.

Ao chegar a Rajpur, tinha comigo uns poucos *annas*, que gastei ali mesmo. Limpei das minhas mãos qualquer vestígio de dinheiro. Foi lá que decidi completar a peregrinação pelo Uttaranchal sem levar dinheiro ou provisões. Disse comigo mesmo: “Fique sozinho, não viaje na companhia de monges ou chefes de família, não peça esmola a não ser que esteja faminto e não guarde nada para a próxima refeição. Entregue-se a Deus e complete a peregrinação pelo Uttaranchal.”

Deixei Rajpur e comecei a subir a trilha íngreme para Mussouri. Ao chegar lá deparei-me com casas de campo de europeus por toda parte. Havia contudo um templo de Shiva no mercado de Landour. Renunciantes e homens santos podiam permanecer lá um ou dois dias. O administrador do templo era um monge *lingayat jangam*¹³. Não era um lugar muito confortável

12. Antiga unidade monetária indiana (1/16 da rúpia). *N. do T.*

13. *Lingayats* são um grupo de hindus do estado de Karnataka que adoram Shiva. Seus monges são chamados de *jangamas*, peregrinos.

14. Tratamento respeitoso dispensado aos europeus na Índia colonial.

para pernoitar, mas não tinha escolha. Se ficasse no mercado e olhasse à minha volta, veria apenas *sahibs* brancos por toda parte. O monge *jangam* recebeu-me com hospitalidade no templo. Eu vestia apenas uma roupa de lã e um casaco do mesmo material. Vendo que meus trajes eram insuficientes para a peregrinação ao Uttaranchal e que também não trazia dinheiro comigo, o administrador do templo quis me levar a um rico mercador que me daria um cobertor e uma rúpia, como fazia com todos os monges que passavam por Mussouri. O monge *jangam* insistiu que o acompanhasse até o mercador e aceitasse os presentes. Informou-me também que a distância de Mussouri a Tehri era de uns cinquenta quilômetros: havia três ou quatro lojas pelo caminho mas nenhuma aldeia ou habitação humana. Os lojistas não dariam nada de graça e eu não conseguiria aguentar as ferroadas da fome durante o percurso. Quando lhe disse que decidira não tocar em dinheiro durante a minha peregrinação, ele ficou muito comovido: desejou-me boa sorte e rezou para que eu não sofresse na viagem. Acho que foi benevolente comigo por eu ser tão jovem. Recebi dele um cajado muito útil para subir os montes.

A MAJESTADE DO HIMALAYA

As dificuldades mencionadas pelo monge não me detiveram. Deixei Mussouri com a agradável idéia de estar mais próximo do meu destino e iniciei a jornada para Tehri com ótima disposição de ânimo.

Nos dez ou onze quilômetros que cobri deparei-me com uma pequena loja solitária. O lojista cumprimentou-me cordialmente e convidou-me para entrar. Muito hospitaleiro, serviu-me uma generosa refeição. Novamente na estrada, percorri

mais alguns quilômetros. Então voltei meus olhos para o Norte e diante de mim desdobrou-se uma visão magnífica. O Himalaya, “a medida de aferição do mundo”, surgia em toda a sua vastidão, branco e imaculado. Meus pés recusaram-se a andar. Sentei-me ali por algum tempo, os olhos banquetecendo-se na glória do Himalaya, a cordilheira coberta de neves eternas. Um arrepio percorreu meu corpo, enquanto sentia uma alegria sem limites. Disse a mim mesmo, “Olhe, isso é o Himalaya. O Mestre recomendava a todos um vislumbre dessa montanha celestial.” *Giriraj Sringe Mahadev Sange*. [No alto do Rei das Montanhas, na presença do Deus dos Deuses.] Ali, a Natureza na forma de Párvati encontra-se com Shiva, no lar do pai da Mãe Uma [outro nome de Párvati]. Sim, é o lugar que eu tanto acalentara visitar.

Nunca pensei que a primeira visão do Himalaya me deixaria tão maravilhado. Tive a sensação de que o mundo mortal ficara lá embaixo e que chegara ao reino dos céus. Impaciente, queria penetrar na morada celeste. Notei o sereno silêncio que pairava por toda parte. A cordilheira branca era cercada por extensas florestas. Eu me senti arrebatado pelos sentimentos sublimes que a visão da magnífica criação do Senhor provocava em mim. Com a mente apaziguada e calma, fiz repetidas reverências ante os pés da majestosa montanha – a encarnação da supremacia e glória divinas. As coisas mundanas amorteceram-se e cobri uns trinta quilômetros quase em transe, sem qualquer fadiga. Encontrei um ou outro viajante solitário no caminho entremeadado de árvores cobertas de flores vermelhas, que contêm mel. Aprendi depois que essas flores eram chamadas de *baras*. Os

15. Cf. *Kumasambhava* de Kalidasa: Canto I, Versículo I.

viajantes as colhiam e sugavam seu mel, mastigando as pétalas a seguir. De porte grande, essas árvores crescem acima de certa altitude nas montanhas do Himalaya e seus troncos cobrem-se de um musgo aveludado. Cada ramo é dotado de muitas flores, tão vermelhas quanto o hibisco. Os montanhesees preparam com essas flores um delicioso chutney, de ótimo sabor quando comido com pão ou *roti*¹⁶. Ali, ao provar pela primeira vez um *roti* com esse chutney, disse para mim mesmo, “Que oferenda deliciosa do Himalaya no primeiro dia da minha jornada! Tudo nessa região é de uma excelência sem igual!”

A BONDADE DOS POBRES

Eu já caminhara uns trinta quilômetros desde que deixara Mus-souri quando vi uma loja na montanha à minha frente. Ao aproximar-me, vi uma senhora idosa sentada do lado de fora e sentei-me também para um pequeno descanso. A subida íngreme e a fria brisa do Himalaya deixaram-me faminto. A senhora dirigiu-se a mim e me fez algumas perguntas. Quando soube que eu não tinha alimento algum, pediu-me que esperasse um momento e entrou na loja, voltando após algum tempo com *rotis* quentes e o chutney das flores de *bara*. Fiquei um pouco surpreso com a sua hospitalidade, pois o administrador do templo me dissera ser tal qualidade muito escassa na região. Então, o que seria isso? Enquanto comia o *roti*, ela me perguntou se meus pais estavam vivos e por que me tornara um renunciante ainda tão jovem. Respondi-lhe como pude. Quando ela viu que o marido voltava para casa com um feixe de lenha à cabeça, notei o medo em seu rosto. “Escute, meu marido é muito cruel e

16. Pão indiano não fermentado.

mesquinho”, disse. “Nunca oferece nada a um viajante ou monge faminto. Enquanto está na loja, não posso dar nada a ninguém, por mais que queira. Então, se ele perguntar quem lhe deu esses *rotis*, responda que você pagou pela farinha, eu apenas os cozinhei. Se souber que lhe dei os *rotis*, ele vai se aborrecer comigo.” A seguir, ela se afastou. Ouvindo aquilo, comecei a comer rapidamente o resto dos *rotis*; achei melhor terminá-los antes que o marido me questionasse a respeito, pois ficaria em apuros. Não queria que a senhora que me dera de comer com afeto maternal fosse insultada pelo marido. E também não tinha a intenção de mentir. Quando ele chegou, entretanto, não reparou em mim, provavelmente por causa do fardo pesado que carregava. Entrou na loja e não saiu por um longo tempo. Terminei a refeição e fui embora, pensando na bondade daquela senhora e sua gentileza maternal.

TEHRI

Sem ter qualquer problema com a minha alimentação pelo caminho, cheguei a Tehri três dias depois de deixar Mussouri. Tehri é a capital do Estado de Garhwal. O Garhwal Ocidental era um principado, mas o Garhwal Oriental tornara-se um distrito britânico. Os Rajás de Tehri são da casta dos guerreiros¹⁷. O príncipe Kirtisahaya, que governava naquela época, era menor de idade. Chegando a Tehri, não sei por que razão, fiquei sob a custódia da polícia por alguns dias. Os sapatos comprados no caminho para Dehradun me deram muitos problemas; com bolhas nos dois pés, precisei passar uns dez dias no dispensário do estado para que os ferimentos cicatrizassem.

17. *Kshatriyas*. No sistema hindu das quatro castas principais (brâmanes ou *brahmanas*, *kshatriyas*, *vaishyas* e *sudras*).

Naquela época os Rajás de Tehri exerciam poder supremo em todo o distrito de Garhwal. Srinagar, agora na Índia britânica, fora anteriormente a capital de Garhwal, o que era testemunhado pelas ruínas do grande palácio de pedra. Depois que os britânicos anexaram o distrito, o Rajá fundou sua capital em Tehri, às margens do rio Bhagirathi¹⁸. Não existe cidade mais próspera no estado de Garhwal, com diversos templos construídos por príncipes. A cidade tem uma grande população de brâmanes, *kshatriyas* e *vaishyas*¹⁹ e o seu mercado abastece a população inteira do Estado.

Em minha partida de Tehri, um parente do príncipe aconselhou-me a mandar fazer outro par de sapatos, já que mais adiante o lugar estaria infestado de sanguessugas. Como eu já tivera problemas suficientes com os sapatos anteriores, tratei os novos com óleo e cúrcuma. Não adiantou nada, pois não consegui usá-los. Desisti deles até chegar ao Tibete, após completar a peregrinação no Uttaranchal. Na verdade, se é muito difícil caminhar descalço pelas regiões geladas do Himalaya, é igualmente difícil andar de sapato por aqueles atalhos escorregadios, cobertos por camadas de folhas secas. Descalço você conseguirá no máximo ter os pés congelados, mas se escorregar de uma encosta é pouco provável que seja visto de novo. Sobrevivi a duas quedas perigosas. Para andar por essas sendas escorregadias é necessário firmar os dedos dos pés no solo para obter um ponto de apoio.

18. Um outro nome do Rio Ganges.

19. A casta dos comerciantes.